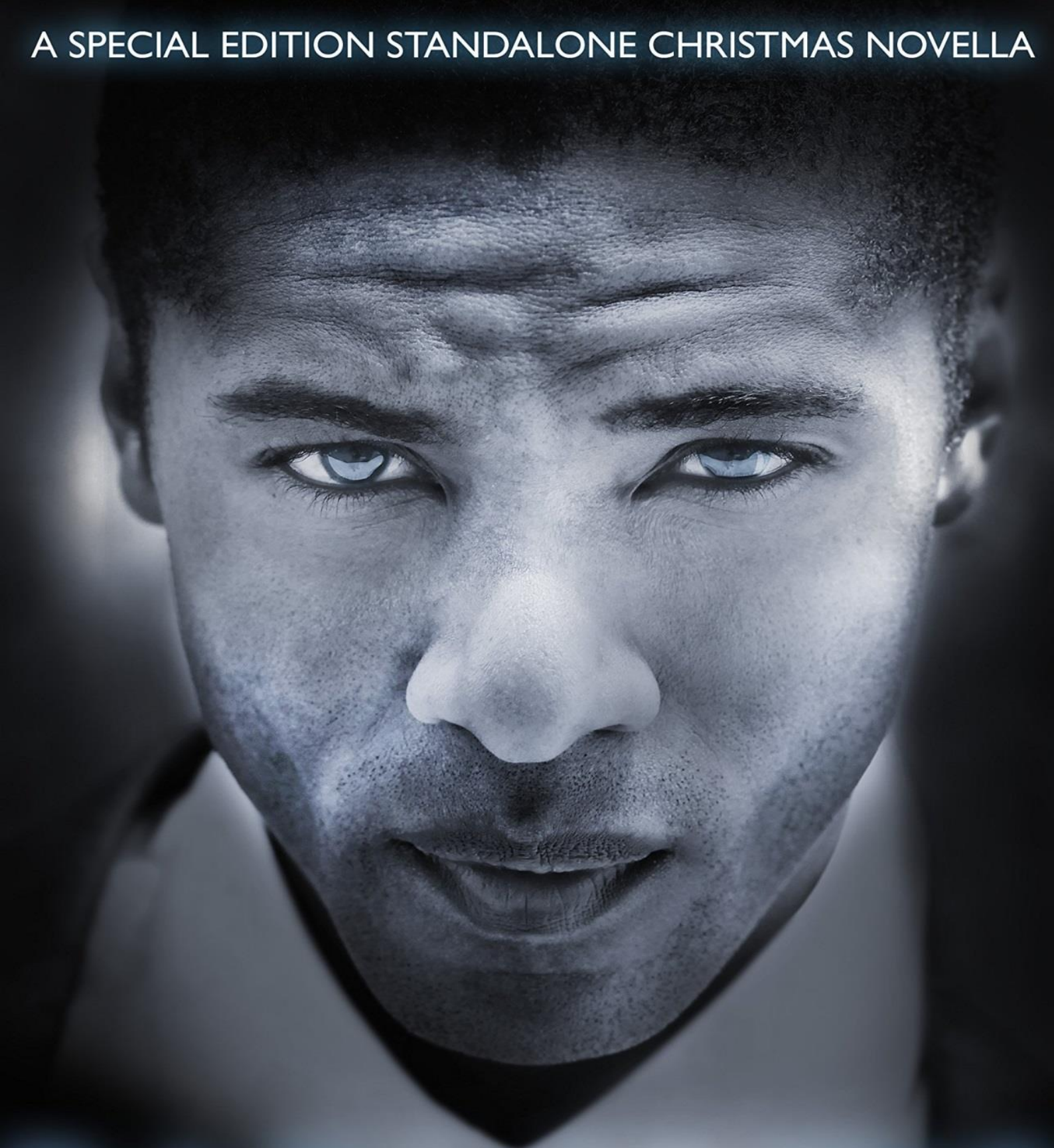


A SPECIAL EDITION STANDALONE CHRISTMAS NOVELLA



BADLANDS

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
CALLIE HART



Callie Hart

Badlands

Livro Único

Badlands Copyright © 2015 Callie Hart

SINOPSE

**** Badlands é uma mini-novela especial, que abrange temas de ambas as séries Blood & Roses (antes de Deviant) e a série Dead Man's Ink (Rebel). ****

Michael Aubertin tem um acordo - que não só lhe convém, mas também para o casal com quem ele passa o tempo. Sem amarras. Sem perguntas. Sem complicações. Nada poderia ser mais simples.

Sua vida no trabalho, por outro lado...

Com estranhas mulheres intensas aparecendo na porta de seu empregador, se esquivando de chefes da máfia Inglesa enlouquecidos, e lidando com um primo há muito tempo sumido em uma missão, o dia de Michael não poderia ficar mais complicado.

Badlands é uma história curta, lançado especialmente para o Natal de 2015. Michael estará recebendo a sua própria história com um livro inteiro no final de 2016.

Muitas vezes os nossos caminhos se cruzaram.

As estradas que viajamos se convergem e divergem sem o nosso conhecimento, até que um dia, nós finalmente nos encontramos e vemos que nossos passados são tão emaranhados que nós nunca estivemos sem o outro desde o início.

Capítulo Um

Em Newmains, Alabama, se você olhar para o céu à noite, é como se estivesse olhando para a própria alma de toda a criação. Lá fora, quase sem luz ou pessoas poluindo a atmosfera, você pode viajar de volta no tempo em que a luz das estrelas mortas e corpos celestes antigos, finalmente, chegavam à Terra, batendo nas paredes de suas retinas, e por um segundo elas ainda existem, não foram esquecidas, continuam a ser uma parte do universo.

E então elas se foram.

É a experiência mais incrível, se você realmente compreender o que está olhando. É assim que o meu cérebro funciona. Eu não posso olhar para algo e simplesmente ver filetes bonitos de luzes piscando no céu. Eu vejo hidrogênio e hélio queimando, vastos mares de hidrogênio, oxigênio e ferro. Eu vejo a morte e a destruição e a vida e a criação de uma só vez, e é uma sinfonia de caos que me rouba a respiração toda vez que testemunho isso.

A mesma coisa acontece comigo agora enquanto eu estou sobre o corpo de Freddy Clough enquanto ele morre no piso de concreto desigual do estacionamento subterrâneo do edifício onde fica o apartamento do meu empregador. Eu vejo mais do que um homem espancado tomando seus últimos suspiros. Eu vejo o mau funcionamento de uma máquina perfeitamente desenhada. Seus pulmões não são capazes de ligar moléculas de oxigênio às de ferro e enviá-las para o seu coração com tantos buracos de bala neles. Rins não podem funcionar se eles receberem o tipo de dano interno que Freddy recebeu. Um homem só pode andar se sua medula espinhal não foi quebrada.

Basicamente, Freddy é uma bagunça. Seu sangue está agrupado em torno de seu torso, um espelho vermelho e escuro refletindo as luzes acima, virando lentamente preto. Eu pego a arma que está aos meus pés, franzindo a testa para a sujeira incrustada ao longo do tambor, no punho, em torno do gatilho, no padrão quadriculado da alça de metal, e eu aprendo muito sobre seu dono. Claramente, ela não pertence a Zeth. Como qualquer outra coisa que ele possui, Zeth cuida

excepcionalmente de suas armas. A Desert Eagle que ele leva a todo lugar está sempre altamente polida e limpa, e pronta para disparar. É surpreendente que uma arma como esta – enferrujada, nunca limpa ou cuidada desde que foi adquirida – sequer funcione. Há merda suficiente endurecida sobre ela para que o mecanismo funcione.

— Por favor... aju... ajuda. — Freddy se agarra a mim com os dedos cobertos de sangue, o branco de seus olhos aparecendo. Ele está com medo. Não há nada que eu possa fazer para salvá-lo, nenhuma ajuda real que posso dar a ele, então eu simplesmente me agacho ao seu lado e fico lhe olhando, permitindo que o meu peito suba e desça junto ao dele enquanto ele morre. Estar perto, respirar com ele, estar aqui vendo sua morte, é suficiente para Freddy. Ele me dá um único aceno afiado e então a vida se esvai de seu corpo.

Quando eu entrei no estacionamento e encontrei Freddy sete minutos atrás, deslizei cuidadosamente sua carteira do bolso para caçar alguma identificação. Uma vez que eu tinha o seu nome – um que eu não reconheci – a guardei a fim de avaliar a situação. Me senti rude ao estar vasculhando pertences pessoais de um homem morrendo enquanto ele ainda estava no processo de sangrar. Agora que ele foi embora, eu volto minha atenção para o couro desgastado em minhas mãos.

***Freddy Clough,
2164 South Meadow,
Aimes,
PA 72340***

Uma foto de uma mulher loura e bonita com dentes ligeiramente tortos sorri para mim. Ela parece feliz. Um bolo de aniversário enorme com apenas uma vela acesa está em cima de uma mesa na frente dela. Ela parece ter vinte e tantos anos, mas a única vela, provavelmente, diz que ela tem uns trinta e poucos – por que uma mulher quer trinta e cinco velas em seu bolo de aniversário, afinal de contas?

Freddy tem três cartões de crédito, um dos quais é um American Express Platinum. Trezentos e oitenta dólares em notas de cinquenta e vinte na parte de trás da carteira também. Freddy tem muito dinheiro,

pelo visto, e mesmo assim quem atirou nele deixou tudo para trás, junto com sua arma suja e suas marcas de pneu no concreto onde queimaram ao sair daqui. Há todas as chances de que o atacante de Freddy tenha sido perturbado antes que ele pudesse roubar a carteira, mas duvido disso. Eu não passei por ninguém quando estava entrando.

Meu celular toca, e previsivelmente é Zee. Eu clico no botão de atender, franzindo a testa para Freddy, que morreu com a boca aberta. — Ei, cara. Desculpe, eu estou aqui, mas há uma pequena situação em sua garagem.

— Eu sei. Clough, certo? — a voz profunda de Zeth chocalha pelo telefone, de alguma forma mais rude do que o normal.

— Sim. Obra sua, então? — eu me endireito, já fazendo planos de contingência. Descarte de um corpo nunca é uma tarefa fácil em uma cidade. No meio do Alabama, Louisiana, é simples o suficiente despejar um corpo no pântano e deixar que os jacarés façam o trabalho sujo para você. No coração de Seattle, Washington, você geralmente se encontra jogando partes de corpos desmembrados ao lado de um pequeno barco de lazer em Puget Sound no meio da noite. Há muito mais trabalho envolvido. — Quem era ele? — pergunto.

— Ninguém. Eu estava tendo uma conversa acalorada com um cara. Um dos italianos. Eu estava na rua e ele estava me seguindo. Consegui algemá-lo e trazê-lo até aqui. Ele disse que um cara, Clough, o seguia. Pareceu mentira. Ele estava se cagando, apesar de tudo. Não ia me dizer. Eu dei uma dura nele e o deixei ir. Ouvi tiros vinte segundos depois que o desalgemei.

— Você não foi verificar? — parece muito diferente de Zeth.

— Não.

— Por que não?

— Porque eu levei um tiro.

Isso deveria ser uma notícia chocante para mim, mas eu já ouvi essas palavras saírem da boca de Zeth Mayfair tantas vezes que agora estou surpreso que se passou um mês sem que ele levasse um tiro. — Não quero o meu DNA misturado em uma cena de crime, — ele me diz.

— Sempre pragmático. Você quer que eu cuide primeiro dele ou de você?

— Ele. Eu estou bem.

Eu conheço a ideia de Zeth de bem. Normalmente, bem indicaria uma linha plana de existência. Não é bom. Nem particularmente ruim. Com o meu chefe e melhor amigo, isso simplesmente significa que ele não está se aproximando da morte iminente. Mas isso poderia muito bem significar que ele está tentando manter suas entranhas dentro do corpo, apesar de tudo.

Discutir com ele, ir vê-lo, poderia ser uma jogada fatal da minha parte, no entanto. — Ok. Freddy Clough. Vejo você em breve.

— Traga uísque.

Típico. Eu coloco o corpo de Freddy no porta-malas do meu Chrysler, e então jogo alvejante em todo o chão de concreto da garagem. Faz uma bagunça, fede como a merda, mas ajuda. Dentro de vinte minutos, não há nenhum sinal de que um homem perdeu pelo menos quatro litros de sangue aqui. Pego a arma que matou Freddy e a envolvo em pedaço de tecido preto que eu, convenientemente, tenho no porta-malas. Alvejante, ferramentas de limpeza, fita adesiva, materiais aleatórios... *serras ósseas*... é incrível o tipo de coisa que um cara como eu vai *convenientemente* ter no porta-malas de seu carro. Eu coloco a arma no porta-luvas e então levo Freddy até a 1ª Avenida Sul, rosnando sob a minha respiração. Eu odeio essa parte da cidade. Tipo, eu realmente *odeio* – o emaranhado de linhas de trem é barulhento, e as luzes nunca param de piscar em Harbor Island – mas eu não tenho tempo para levar Freddy para o meio do nada e cortá-lo em pequenos pedaços, então eu vou recorrer a medidas menos práticas. Collum Tate é um bêbado irlandês com nenhuma afiliação particular com qualquer um dos sindicatos do crime organizado de Seattle. Ele faz o trabalho braçal que a maioria dos outros freelancers não aceita. Eu normalmente não confio em alguém sem lealdade à Zeth, mas é uma daquelas noites e Collum sabe o que vai acontecer se ele soltar uma palavra do que fez para mim aqui hoje. Isso *não* vai acabar bem para ele. E, além disso, apesar de ser irlandês e beber a maior parte do tempo, Collum é um cara muito consciente.

Ele não comete erros. Ele não corre riscos. E o bastardo pode persuadir absolutamente qualquer um, o que é uma habilidade bem poderosa para ter em nosso círculo de amigos.

Collum também não faz perguntas. Eu pago a ele oito centenas de dólares, ele leva o corpo de Freddy e é isso. Está feito. De volta ao prédio de Zeth, eu passo pela porta de segurança ao lado direito da parte de trás do estacionamento e caminho pelo corredor estreito, e então entro na segunda porta à esquerda. Acho o próprio homem sentado em uma

cadeira de madeira, franzindo o cenho para seu telefone celular, enquanto uma pequena piscina brilhante de *seu* sangue se reúne ao redor seus pés.

— As mulheres são loucas, — ele me informa.

— Eu estou ciente — eu lhe entrego um maço dobrado de ataduras que peguei no meu kit de primeiros socorros... isso mesmo, você adivinhou... do porta-malas do meu carro. Ele pega o que estou oferecendo e pressiona o material contra sua panturrilha esquerda. — Está ruim? — pergunto.

Zeth balança a cabeça. — Não. Apenas inconveniente. Sabe onde diabos eu posso comprar Lucky Charms¹ a esta hora da noite?

Zeth me faz perguntas estranhas às vezes, mas esta é anormalmente estranha. — Provavelmente. Devo me incomodar a perguntar por quê?

— Há uma garota lá em cima no apartamento. Eu comprei mantimentos para ela, mas tudo que ela quer é um fodido Lucky Charms.

Eu ficaria menos surpreso se ele me dissesse que tinha a Orquestra Filarmônica de Londres no seu apartamento. — Hã. Você sofreu uma lesão na cabeça durante a sua pequena briga com o italiano?

— Não.

— Então por que diabos há uma menina em seu apartamento? Eu não achava que você fodia mulheres lá em cima. Você não está planejando uma festa até o final do mês, está?

— Não. Nada de festa. E não seja, idiota, porra. Ela é minha irmã.

Agora eu estou completamente perdido. — Eu não sabia que você tinha uma irmã.

— Nem eu. Até que eu a vi.

— Então... você olhou para ela e soube que ela era sua irmã?

— Você vai fazer vinte perguntas², ou você vai me ajudar? — Zee levanta a bainha de sua camiseta e me mostra o ferimento em seu estômago que está sangrando lentamente.

¹ É um cereal com formas e cores diferentes, e cada um deles representa um “poder”. Para quem leu a série Blood and Roses, é o cereal que a Lacey gosta.

Eu dou uma olhada, cutuco com o meu dedo indicador e, em seguida, anuncio que provavelmente só precisa de um ponto e que ele deveria parar de ser um bebê. O olhar que ele me dá é gelo puro para dizer o mínimo. Eu encharco o ferimento com álcool e faço dois pontos, só para prevenir, e então nós dois fazemos o nosso caminho até o seu apartamento. No interior, uma menina pequena, com uma massa de cabelo loiro encaracolado adormeceu no chão da cozinha, um braço enfiado debaixo de sua cabeça. Zeth e eu paramos, as mãos nos bolsos, olhando para a figura de bruços no chão.

— Como diabos você olhou para ela e soube que era sua irmã? Ela parece em nada com você.

Zeth olha para a menina um pouco mais, apertando sua mandíbula, sem falar nada por um tempo, e então diz: — Minha mãe. Ela é a cara da minha mãe.

Eu deveria perguntar como ela veio parar em seu apartamento. Eu deveria perguntar a ele o que ele planeja fazer com uma *irmã*, de todas as coisas. Eu deveria perguntar a ele um monte de coisas, mas eu conheço Zee. Ele vai me dizer quando ele quiser e não antes. Agora, mesmo sem olhar para ele, eu sei que tudo o que ele está pensando é onde ele pode conseguir uma caixa muito específica de cereais.

— O italiano te disse por que ele estava seguindo você? — eu sussurro.

— Disse que o Brooklyn estava mais frio que o inferno e que ele precisava de férias.

— Você acreditou nele?

Zeth me dá um olhar mordaz. — Claro que não.

— E você simplesmente deixou ele ir?

— Eu estava me sentindo generoso, ok? Eu não tenho que matar todo mundo que encontro, não é? *Você* mata todos que *te* irritam?

— Ninguém me irrita, cara. Sou imperturbável.

Ele parece pensar sobre isso por um momento. Eu acho que ele vai discordar de mim, mas ele dá de ombros, concordando. — Não se esqueça sobre Fresco's, — diz ele.

² Ele faz referência à brincadeira de vinte perguntas. É tipo verdade ou consequência.

— Fresco's?

— Aquela cafeteria de merda do outro lado da cidade. Aquela vez que um cara derramou café em cima da sua camisa e você deu um soco na garganta dele.

— Não era uma camisa, cara. Era um *Armani*.

Zeth bufa. O cara não dá a mínima para o que ele usa, contanto que seja escuro para que ele possa se esconder nas sombras e não esteja coberto de sangue. Eu, por outro lado... eu tenho gostos caros. Eu gosto do ajuste de um terno bem cortado. Eu amo a sensação de uma bela camisa contra a minha pele. E se alguém derrama café numa camisa de seiscentos dólares, eles vão conseguir meus dedos em sua laringe. É assim que funciona.

A menina no chão se mexe. Ela abre um olho e olha para nós com os olhos turvos. Seus lábios são de uma delicada cor suave, cor de rosa – a cor do interior de uma concha que você pode encontrar em uma praia. — Quem é ele? — ela sussurra. Não é tão delicada quanto a sua aparência pode sugerir, então.

— Ele é o seu novo melhor amigo, — murmura Zeth. — Você e ele vão estar colados um ao outro como unha e carne.

— Isso não é um pouco racista? Ele não é exatamente branco, não é³?

Eu sorrio, lutando contra a vontade de rir em voz alta. Zeth suga uma respiração profunda e a prende em seu peito, olhando para a garota deitada no chão. Ele não está acostumado a isso. Não está acostumado a falar com garotas. Suas interações com o sexo oposto geralmente requerem poucas palavras. E as palavras que são trocadas, normalmente são comandos.

De joelhos.

Abra sua boca.

Chupe.

Ele nunca é violento, é claro. Ele nunca precisa ser. As mulheres endinheiradas, ricas e bonitas desta cidade sussurram sobre as festas dele em excitação ofegante nos seus eventos sociais. Elas se curvam aos seus pés. É realmente algo para se assistir. E eu *tenho* assistido. Tenho

³ É que no original é *white on rice* (branco no arroz), que não tem frase que substitua em português. Mas o significado é unha e carne.

observado tudo. Eu já participei também. Não há porque ser apenas um espectador, afinal de contas.

Eu estendo minha mão para a mulher frágil e pequena esparramada no chão da cozinha. — Não. Eu não sou branco. Eu sou apenas eu. *Michael*. E você é?

Ela olha para minha mão como se estivesse esperando que eu me aproximasse e a golpeasse a qualquer momento. Quando eu não faço isso, ela lentamente aceita minha ajuda e se levanta. — Lacey. Meu nome é Lacey.

— Prazer em conhecê-la, então.

Zeth se desloca desajeitadamente de pé para pé, nos observando. Ele limpa a garganta, esfrega a parte de trás de sua cabeça, e então ele se vira e vai embora. Lacey inclina a cabeça para o lado e faz um som *hmmm* baixo na parte de trás de sua garganta.

— Não se preocupe, — eu digo. — Ele está longe de ser tão assustador quanto parece. Ele é apenas...

— Fodido. Está bem. Eu sou fodida também — ela olha para mim, seu cabelo loiro saindo em ângulos loucos, e um sorriso lento se espalha pelo seu rosto. — E quanto a você? Você é fodido, *Michael*?

— Mas é claro, — eu retorno o sorriso dela, me perguntando sobre a dor suave que cintila em seus olhos azul-claros. — As pessoas mais interessantes são, não são?

Ela balança a cabeça. — Vamos ser amigos, então?

— Eu gostaria muito disso.

Capítulo Dois

— Onde você esteve, baby? Eu estive esperando por horas — diz Sara emburrada quando entro em seu apartamento. Seu marido, Cameron, está fora da cidade a negócios, e ela é a pessoa mais altamente sexuada que eu já conheci na minha vida. Ela precisa dessa merda pelo menos duas vezes por dia, caso contrário ela é capaz de explodir.

O som de pornografia hard-core enche o apartamento – uma mulher fazendo sons de engasgos, intercalados com gemidos ofegantes de prazer. Uma voz ecoa pelos alto-falantes montados nas paredes em todos os quatro cantos da sala de estar de Sara, e eu reconheço imediatamente: é Cameron.

“É isso aí, baby. Mmm, sim, isso. Você gosta disso? Você gosta do meu pau em sua boca enquanto fode com ele?”

Então não é apenas pornografia. É um dos nossos. Sara e Cameron amam fazer filmes. Eu não me importo muito, desde que meu rosto não esteja em nenhum deles. Assim, quando eu verifico a enorme tela de TV montada na parede, meu pau está furiosamente empurrando na buceta de Sara, maior que a vida e mais duro que o inferno. Cameron deve ter sido responsável pela câmera. A cena passa e, em seguida, eu estou assistindo os lábios vermelhos de Sara envolverem em torno do pau de Cam, deslizando para dentro e para fora seu comprimento.

Eu normalmente não faço isso – eu sou mais de fazer do que olhar – mas hoje, entrando no apartamento para encontrar Sara em seu roupão de seda, cheirando a sexo, cheirando como se ela já tivesse gozado duas vezes, e vendo na TV quão molhada sua buceta estava a última vez que eu fodi ela, estou achando que eu quero ver um pouco mais. Primeiro, eu tenho uma rotina a seguir. Deslizo os braços para fora do meu blazer, sorrindo para a mulher ruiva fazendo beicinho para mim do seu sofá de couro.

— Me responda, — diz ela. — Você deveria estar aqui às onze. Isso foi há duas horas. Minha buceta está tão sensível agora.

— Eu tinha trabalho para lidar, amor. Mas estou aqui agora. E não se preocupe... eu tenho algo que vai fazer você se sentir melhor.

Eu conheci Sara e Cameron em uma das festas de Zee. Cameron adora compartilhar sua mulher. Adora ver ela ser fodida. Adora estar em sua bunda enquanto outro cara está em sua buceta. Ela adora também. Eles são o casal mais depravado que eu já conheci, e eu amo isso. Quanto mais fodido, excêntrico, sombrio ou francamente impertinente o sexo é, mais feliz eu sou. Há muito pouco que eu não faço. Eu estive com caras. Eu estive com garotas. Eu estive com os dois ao mesmo tempo mais vezes do que posso contar. Esses dias, no entanto, eu tendo a ficar com Sara e Cameron, apesar de tudo. Torna a vida mais simples, e eles não fazem perguntas sobre o que eu faço ou onde estou. Na maioria das vezes, pelo menos. Sara só pergunta quando eu deixo ela esperando e ela está subindo pelas paredes.

— Cameron deixou um charuto para você no balcão, — ela me diz quando eu abro o botão de cima da minha camisa. Ela lentamente corre as mãos pelo interior de suas coxas, e o material de seda do robe se afasta de suas bronzeadas pernas longas, expondo sua buceta. — Você quer que eu dê uma de Monica Lewinski com isso, baby? Eu sempre tive uma queda por Bill Clinton quando era adolescente.

Eu arqueio uma sobrancelha para ela, sorrindo. — Baby, eu vou te dar uma foda presidencial a qualquer dia da semana. Mas prefiro fumar esse charuto mais tarde.

Ela sorri maliciosamente, arrastando lentamente os dedos pelo seu corpo, até que as pontas de seu dedo indicador e médio estão pairando sobre sua pequena buceta rosa. Ela é uma mestra em gozar sozinha. Ela pode se trazer ao clímax em menos de dois minutos, se realmente quiser. Me dá uma grande satisfação saber que posso fazê-la gozar mais rápido, especialmente se eu estou usando a minha língua.

Eu estou saindo de meus sapatos, de minhas calças, dos meus boxers, e em algum momento eu estou completamente nu e acariciando meu pau cada vez mais duro enquanto Sara esfrega seu clitóris, mexendo seus quadris para cima em sua própria mão. Ela exala sexo. Ela sabe que é bonita, sabe que ela é o sonho molhado de cada

homem, ela sabe disso tudo, o que a torna dez vezes mais sexy. Eu não me canso dela. — Venha então, baby. Me beije, — ela ronrona.

Eu pego um pequeno frasco de prata do bolso da minha calça, e então atravesso toda a sala com os pés descalços, zumbindo com o conhecimento de que isso vai ser incrível. Sara sabe o que está na minha mão, e seus olhos já estão rolando para trás em sua cabeça com o pensamento do que vem a seguir. Caindo de joelhos, eu já comecei a desenroscar o frasco. Pego uma pequena quantidade do pó branco com os dedos e então lentamente, muito lentamente começo a esfregá-lo na buceta de Sara.

Eu realmente não uso drogas. Cocaína é algo desagradável pra caralho – eu com certeza nunca coloquei isso no meu nariz – mas ela tem seus usos de vez em quando. Para começar, quando você coloca na buceta de uma garota, o jogo totalmente vira. Ela vai estar se contorcendo e gritando em um piscar de olhos. Ela vai gozar uma e outra vez até que ela esteja te implorando para gozar, para parar, para que *ela* possa parar, exceto que você não pode porque a coisa também teve um efeito adicional em seu pau e você parece poder foder para sempre como um maldito super-homem.

Não é meu hábito colocar algo em uma mulher antes de eu comer sua buceta, mas estou me sentindo um pouco tenso hoje. Eliminar cadáveres e conhecer irmãs de surpresa tem esse efeito em mim. Todo o corpo de Sara está tremendo quando eu paro de massagear seu clitóris com os dedos e uso a minha língua em seu lugar.

A coca me bate duro e rápido, misturado com o sabor doce de sua buceta. É viciante e faz minha cabeça girar. Meu pau já estava duro, mas vira pedra pura na hora que meu coração começa a bombear a droga pelo meu corpo uma, duas, três vezes.

Meu pulso é ensurdecador em meus ouvidos enquanto eu lambo e a chupo, fogo correndo através de mim, queimando uma e outra vez, me fazendo sentir bem, então ótimo, então incrível. Quando deslizo os dedos dentro dela, acariciando contra seu ponto G em um movimento para que ela goze, eu já estou voando, porra.

Sara é como um animal selvagem, a cabeça pendurada do lado de fora do sofá, os braços jogados por cima da cabeça enquanto ela se perde nas drogas e na sensação de mim lambendo sua buceta perfeita. Seu robe cai e revela seus pequenos mamilos cor de rosa, que já estão duros. Ela tem seios fantásticos. Eu me estico e amasso a carne

macia, apertando e rolando os mamilos ao mesmo tempo em que eu a lambo. Ela começa a hiperventilar, os músculos de suas pernas tremendo quando a tensão aumenta em seu corpo.

Ela goza, e quando isso acontece, inunda minha boca com o gosto doce de seu orgasmo. Ela esfrega sua buceta em minha boca, suas unhas de repente cavando na pele das minhas costas, e uma parede de calor corre através de mim, fazendo minha cabeça girar mais. Eu amo isto. Eu amo fazer ela gozar. É possivelmente o meu passatempo favorito.

Ela faz gemidos e sons suaves quando eu continuo a acariciar seu clitóris inchado com a minha língua, e logo ela está começando a ofegar mais uma vez. Mas eu não a faço gozar com a minha boca novamente. Em vez disso, eu recuo e agarro ela por debaixo de suas coxas, puxando-a na minha direção.

O olhar sedutor e obscuro que ela me dá quando eu deslizo meu pau duro dentro dela me faz bater nela pra valer. Ela ama isso assim – com tanta força quanto você pode lhe dar. Ela gosta de sentir como se estivesse montando uma força da natureza, e é isso que eu sou agora: imparável, indomável, insaciável. Ela grita quando goza pela segunda vez. Quando eu deixo ela de quatro e deslizo os dedos dentro de seu traseiro, sua voz é rouca quando ela goza pela terceira vez.

Eu me sinto incrível enquanto continuo a foder com ela, mas eu sei que não vou gozar. As drogas não vão deixar. Eu finalmente me retiro dela, pronto para parar, pronto para ir beber uísque e fumar o charuto, mas Sara tem outras ideias.

— Onde você pensa que está indo, baby? Você não terminou.

Eu rio, porque ela não tem ideia de quão dormiente meu pau está neste momento em particular, mas eu paro de rir quando ela cai de joelhos e começa a me chupar. Um boquete de Sara é uma experiência indescritível. Ela é incrível. As coisas que ela pode fazer com a língua faria um ator pornô corar.

Acontece que eu estava errado. Eu *posso* gozar. Depois de quatro minutos com o meu pau em sua boca, minhas mãos estão enterradas no cabelo de Sara e eu estou empurrando profundamente em sua garganta, sentindo como se minha coluna estivesse prestes a estalar quando eu estou inclinando a cabeça para trás e rugindo.

Ela. É. Maravilhosa.

Ainda me lembro da primeira vez que ela me fez gozar assim. Cameron estava sentado no sofá onde estamos esparramados, e eu estava deitado de costas, quando Sara se ajoelhou em cima de mim, passando a língua molhada e delicada em torno da ponta do meu pau. Deveria ter sido estranho ter seu marido nos assistindo. Tenho certeza de que algumas pessoas teriam estado altamente apavoradas. Não eu, no entanto. Eu estava tão excitado com a experiência que ela me fez gozar duas vezes em cinco minutos.

Sara se apoia em seus calcanhares, a seda de seu robe agora em torno dela no chão, seu cabelo ruivo caindo solto sobre os ombros, e ela parece tão linda que eu poderia chorar. — Isso foi bom, baby? — ela sussurra.

Eu assinto, correndo os dedos sobre a linha do seu queixo, inclinando sua cabeça para trás de modo que ela esteja olhando para mim com aqueles grandes olhos azuis dela. — Sim. Sim, foi. Você é sempre tão boa.

Ela sorri para mim toda satisfeita; ser elogiada é uma das coisas favoritas de Sara. Tenho certeza de que ter dois caras em suas mãos para lhe dizer como ela é bonita e sexy não poderia ser mais perfeito.

— Você vai dormir aqui, baby? — ela pergunta. Ela tem aquele olhar vago e sonolento no rosto, que significa que ela vai estar pronta para dormir em breve. Eu tenho que dizer que estou um pouco surpreso com a sua pergunta, no entanto.

— Bem, seria a primeira vez. Eu não me lembro de ser solicitado para passar a noite antes. Tem certeza de que você está se sentindo bem? — eu provoco.

Ela reúne o cabelo em um rabo de cavalo, amarrando-o para longe de seu rosto, e então empurra a língua para mim. — Não se ache demais, Michael. Eu só... eu pensei que seria bom, sabe. Se... — ela encolhe os ombros.

— Aconchegar? — eu tento não rir.

— Vá se foder, idiota. Eu não me aconchego.

— Nem mesmo com Cameron?

— Especialmente com Cameron.

— Por que não?

— Você conhece o meu marido. Se ele está em contato com a pele de outro ser humano, ele tem que transar com ele, independentemente de quantas vezes ele já gozou e independentemente do quanto você mendigou e lhe implorou para te deixar dormir.

Eu passo os dedos através das suas omoplatas nuas, aproveitando o calor suave e macio de sua pele. — E o que faz você pensar que *eu* vou ser capaz de manter as mãos longe de você, se dormimos na mesma cama?

— Porque você não é como Cameron, — ela diz suavemente, pegando o robe e se levantando. — Você é... você é mais emocional do que ele. Você é capaz de abraçar outra pessoa por cinco minutos e não querer enfiar o pau dentro dela. Cameron é um viciado. Ele não pode evitar. Você gosta de sexo, mas sabe quando parar. Isso te dá poder sobre a sua sexualidade.

Ela está certa. É muito, muito óbvio que Cameron é um viciado em sexo, mas eu sempre pensei o mesmo de Sara também. É por isso que eles sempre pareceram tão certos como um casal. Suponho que ouvir Sara dizer que ela quer alguém para segurá-la está sendo meio que uma surpresa. Não uma desagradável. Apenas inesperado. Se fosse qualquer outra pessoa, eu provavelmente provocaria um pouco mais e a atormentaria, mas pelo olhar severo e hostil em seu rosto, fico com a sensação de que ela não iria engolir isso muito bem. Ela quer que eu diga sim, que eu vou ficar, mas ela realmente não quer que eu faça um estardalhaço sobre isso.

— Certo. Vou passar a noite, — eu digo a ela. Ela não diz mais nada. Ela me pega pela mão e me leva lá para cima, para o quarto que ela normalmente compartilha com Cameron, e nós subimos em sua cama ridiculamente grande. É realmente grande ao extremo; provavelmente cabem pelo menos cinco pessoas aqui, e você definitivamente poderia se afogar no mar de travesseiros que eles têm espalhados por todo o lugar.

— Não conte a Cameron sobre isso, — ela sussurra quando se enrola contra o meu corpo, descansando a cabeça no meu peito.

— Ele ficaria chateado por eu ficar aqui? — se há uma coisa que eu não quero fazer é violar uma regra tácita com esse cara. Nós temos um arranjo que funciona bem para nós três, tanto quanto eu posso dizer, e eu não quero comprometer isso. Sara balança a cabeça, apesar de tudo.

— Não. Ele não se importaria. Ele só não me deixaria esquecer esse momento embaraçoso, é isso, — diz ela calmamente.

Eu não sei o que está acontecendo na sociedade se mostrar afeto ou querer sentir alguém perto é algo ruim, uma coisa para se envergonhar, mas parece que é onde estamos hoje em dia. Adoro sentir uma mulher derreter contra mim enquanto ela cai na inconsciência, saber que ela está vulnerável e confia em mim, ao mesmo tempo em que ela começa a sonhar. É uma sensação incrível compartilhar isso com alguém.

Ainda assim, isso parece um pouco estranho. Não é nossa dinâmica habitual. É meio que ridículo que mesmo que eu já estive dentro de cada orifício que essa mulher possui, subir em uma cama e adormecer com ela pareça estranho para mim.

Não leva muito tempo para nós dois dormirmos, no entanto. Eu sonho com a mulher loira na foto que Freddy Clough mantinha em sua carteira.

Capítulo Três

— Acorde, filho da puta.

Um soco afiado no meu lado me tira rápido do sono. Levo um segundo para descobrir onde diabos estou e com quem estou, porque a configuração não parece certa. Eu estou com Sara. Estou deitado em sua cama, com ela ainda dormindo profundamente ao meu lado, enrolada nos lençóis, o cabelo bagunçado em torno de sua cabeça no travesseiro, então de jeito nenhum, em qualquer reino ou realidade, o meu primo Jamie está de pé em cima de mim agora. Absolutamente *nenhuma* maneira do caralho.

Me levanto e salto para fora da cama, sem me importar por estar nu, apenas preocupado que Sara esteja dormindo agora, e não vendo a monstruosidade tatuada de mais de um metro e noventa à espreita na luz do amanhecer na beirada da sua cama. — Que porra você está fazendo aqui? — eu assobio, empurrando-o no peito.

— Quanto tempo, — ele sussurra, sorrindo para mim diabolicamente. — Não há necessidade de se levantar. Parece que você pode conseguir um sexo bom essa manhã se continuar por aqui.

— Leve sua bunda lá para baixo agora. *Silenciosamente* — eu o empurro novamente, considerando bater no seu braço para enfatizar a parte do silêncio, mas ele levanta as mãos, as sobrancelhas sobem até a metade da testa.

— Certo. Certo. Já fui — ele vira de costas e sai do quarto, suas botas clicando na escada de madeira polida enquanto ele desce de uma forma não muito silenciosa. É um milagre que ele não tenha me acordado quando subiu. O fodido provavelmente se esgueirou até aqui como um ninja, e agora ele acha engraçado pisar como uma manada de elefantes do caralho.

Congelo por um segundo, ainda tentando descobrir o que diabos está acontecendo, e então eu estou sorrateiramente vasculhando o armário de Cameron, procurando por algo que não seja muito pequeno para eu vestir e então descer até o térreo para disparar vinte perguntas

ao meu primo. Eu encontro calças de moletom e uma camiseta que não é muito apertada, e então eu estou correndo pelas escadas atrás dele tão silenciosamente quanto é possível.

Ele está de pé na cozinha com uma calcinha pendurada em seu dedo indicador – uma das calcinhas de Sara para ser exato. — É um fio dental ou uma calcinha? Eu não sei.

Eu a arranco dele, franzindo o cenho pelo olhar orgulhoso no seu rosto. — Que diabos, cara? Pensei que estivesse no Afeganistão? E que porra aconteceu com o seu braço? Quando você começou a fazer tatuagens? Louis vai perder a cabeça.

— Eu sei. Vai ser incrível.

Eu ergo minhas mãos, os olhos arregalados, esperando ele preencher o resto dos espaços em branco. Ele está vestindo um par de jeans rasgado, uma camiseta do Led Zepellin e um gorro desalinhado – de jeito nenhum ele veio de Alabama. Jamie estala seu pescoço e, em seguida, estala os dedos também.

— Agora você está olhando para um homem livre, — ele me diz. — Eu não sou mais um membro do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. *Semper Fi*⁴.

— Eles demitiram seu rabo, então?

Ele me lança um olhar que poderia murchar flores de plástico. — Não. Meu tempo chegou ao fim e eu não voltei a me alistar. Simples.

— E então você pensou em me rastrear e invadir o apartamento de alguém? Quero dizer, como foi que você me encontrou, cara?

Jamie sorri, e é o sorriso de um homem que tem segredos. Um monte de coisa obscura e fodida que eu realmente não quero saber. — Eu tenho um amigo. Ele é bom em invadir as coisas.

— Então você rastreou o meu celular?

— Não. Você usou seu cartão de crédito em um posto de gasolina a três quadras na noite passada. Depois você dirigiu até aqui e parou no estacionamento do outro lado da rua. Então você entrou neste edifício,

⁴ *Semper fi* ou *semper fidelis* é uma expressão em latim que significa “sempre fiel”, na tradução para o português. Esta frase é conhecida por ser o lema do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América – United States Marine Corps.

que, bastante conveniente, tem um sistema de câmeras de circuito fechado em todos os corredores. Simples, na verdade.

Eu só olho para ele. Eu deveria socá-lo por violar a minha privacidade assim, mas para ser honesto, eu estou um pouco impressionado. Mas foda-se se eu vou deixá-lo saber disso, apesar de tudo. Ele precisa aprender limites. Eu não vi o cara em três anos, pelo amor de Deus, e agora ele aparece aqui no romper da aurora, para... eu nem sei o que ele está pensando em fazer agora. — Por que você está aqui, cara? Você não poderia apenas ter ligado como uma pessoa normal?

Jamie me dá um sorriso torto, balançando a cabeça. — Eu ouvi que você estava fazendo freelance aqui. Material questionável. Eu queria ver por mim mesmo antes de recuperar o atraso com você cara-a-cara. Eu não entendo muito bem que tipo de serviços autônomos você estava oferecendo, no entanto, — ele pisca para mim, e eu percebo que ele está insinuando que eu estou alugando minha bunda para a mulher deitada lá em cima da cama. Agora eu realmente quero dar um soco na cara presunçosa dele.

Brigar na casa de Sara com certeza iria acordá-la, e eu preciso dar o fora daqui antes que isso aconteça. Rapidamente, eu recolho minhas roupas descartadas da noite passada, dobrando cuidadosamente o meu terno e pegando meus sapatos, e então eu empurro Jamie para fora do apartamento e fecho a porta silenciosamente depois que saímos.

Eu o empurro pelo corredor, em direção ao elevador. Não é até que as portas se fecham e nós estamos descendo para o térreo que eu confio em mim para falar normalmente. — Eu não sou um prostituto, seu idiota. E quem está dizendo que sou freelancer? — é preocupante que esse tipo de informação esteja lá fora, flutuando por aí, sendo comentada. Ninguém deveria saber. Sou meticoloso quando se trata de confidencialidade do cliente.

Jamie se inclina contra o espelho polido no elevador, suspirando. — O mesmo cara que rastreou você aqui. Ele é bom em descobrir as coisas.

Mas não é tão bom se ele ainda pensa que eu sou freelancer. Eu venho trabalhando exclusivamente para Zee desde o ano passado. Meu nome deveria ser totalmente esquecido nos círculos de crime organizado

que eu usei para mergulhar meus dedos. As coisas mudam rápido nesse mundo. As pessoas se levantam e caem rapidamente. Você pode ser o rei de um império um dia e estar morto e enterrado no outro. — Então você saiu do Exército. E você achou necessário ir me caçar na cama de alguém. Para quê?

O sorriso sempre presente nos lábios de Jamie desaparece quando ele se endireita, enfiando as mãos nos bolsos de seus desbotados jeans rasgados. — Laura, — diz ele.

— Laura?

— A irmã de Cade. Você a viu algumas vezes há alguns anos atrás. A loira?

— Ah sim. A garota com a enorme queda por você?

Jamie balança a cabeça, fazendo um som exasperado na parte de trás da garganta. — *Como* todo mundo sabe sobre isso, menos eu?

— Jesus, cara. Tudo o que tinha que fazer era olhar para a menina. Ela estava mais colada em você do que a sua própria sombra — as portas do elevador se abrem e ambos saímos para o lobby silencioso. O piso de mármore é frio sob meus pés descalços, me lembrando que eu nem sequer me preocupei em colocar os sapatos de volta. Couro italiano realmente não combina com moletom da Adidas. — O que que tem Laura, então? Você a engravidou e agora Cade quer te matar?

— Não. Deus. Ela estava na festa beneficente de Louis há três semanas. Tivemos um pequeno desentendimento e ela foi embora. Ela disse que estava indo para casa, mas nunca chegou lá.

O porteiro segura a porta para nós dois quando saímos do prédio. Ele se abstém de dizer qualquer coisa, como todos os bons porteiros deveriam fazer, mas eu pego o olhar confuso em seu rosto quando ele examina o meu traje. Ele está muitas vezes aqui quando eu apareço tarde da noite; ele sabe como eu normalmente me visto, e não é assim.

Lá fora, o melhor amigo do meu primo, Cade, está inclinado contra o que parece ser uma moto — com um tanque preto fosco e um quadro de cromo polido. Outra moto está estacionada ao lado dele — a

de Jamie, aparentemente. Meu primo recolhe um capacete com o visor aberto do assento e o coloca. — Michael, você se lembra de Cade, certo?

— Claro, — Cade estende a mão e eu aceito. — Lamento saber sobre a sua irmã, cara.

Cade balança a cabeça, olha para as botas, e depois olha para a rua, engolindo em seco. Quando eu era uma criança e passava os verões visitando Jamie e meu tio altamente racista e nada legal, Cade e Laura estavam sempre na casa, sempre unidos pelo quadril, sempre brincando e fazendo muito barulho. Eles eram inseparáveis. É claro, não importa quão duro ele tente esconder, é óbvio que ele está lutando para manter a sua merda junta e não perder a cabeça.

— Sim. Obrigado, — diz ele, a voz rouca. — Nós vamos encontrá-la. E quando isso acontecer, quem a levou vai saber o significado de agonia.

— Então você acha que ela foi sequestrada?

Cade me dá um olhar estranho. — O que você quer dizer?

— Bem. Será que ela só... não foi embora? Decidiu ir embora por conta própria?

Cade e Jamie balançam a cabeça ao mesmo tempo, igualmente enfáticos. — Não. De jeito nenhum, — diz Cade. — Ela nunca teria feito isso. Ela acabou de virar sócia da empresa de nosso pai. Ela acabou de comprar uma casa nova também. Ela não iria embora sem me dizer. E, se por alguma torção estranha do destino ela tenha decidido apenas levantar e ir embora, ela definitivamente já teria me ligado por agora e me deixado saber que ela está bem.

— Os cartões dela foram usados? — é razoável supor que eles verificaram, uma vez que parece não ter havido absolutamente nenhum problema em verificar o meu.

Jamie passa sua perna sobre sua moto, tirando as chaves do bolso de sua calça jeans. — Nada. Nenhuma única retirada ou compra desde aquela noite, — diz ele. — Você pode nos seguir? Precisamos da sua ajuda com uma coisa.

O sol está começando a se levantar ao longo do limite do horizonte invisível, sua luz laranja filtrando entre os edifícios altos, estendendo sombras do outro lado da calçada. Eu olho para meu primo,

tentando descobrir o que exatamente ele precisa que eu faça a esta hora da manhã. Ele é da família, apesar de tudo. Houve um tempo não muito longe que nós éramos como irmãos. Ele sabe que eu vou fazer de tudo por ele, da mesma maneira que eu sei que ele iria fazer qualquer coisa por mim em caso de necessidade. É simples assim.

— Certo.

* * *

Eu começo a ficar desconfortável enquanto atravessamos Seattle. Eu tenho essa sensação incômoda, desagradável e estranha na parte de trás da minha mente. Levo cerca de quinze minutos para descobrir o porquê. Enquanto eu sigo atrás de Jamie e Cade em suas motos, o rosnando alto dos seus motores ecoando nos edifícios que nos rodeiam, acordando a cidade, eu percebo que dirigi por este caminho muitas vezes antes. Eu dirigi até aqui quando vinha pegar Zee na residência de seu chefe no subúrbio de Richie Rich.

Enquanto os segundos vão passando, se transformando em minutos, e vamos avançando, nos levando em direção a Hunt's Point, eu sei que isso não é uma coincidência. Estamos indo em direção à residência de Charlie Holsan, e tudo o que eles têm planejado vai causar problemas enormes para mim.

Zeth me manteve fora dos livros de Charlie. Ele tem suas razões, sejam elas quais forem, e, até onde Charlie sabe, Zeth trabalha sozinho. Eu tenho uma forte dor de cabeça latejando em minha testa na hora que paramos perto da cerca alta de ferro forjado que contorna a propriedade de Charlie. Eu nunca conheci o homem, mas eu sei o suficiente sobre ele. Ele é paranoico, mais rico do que todo o inferno e completamente louco. Ele colocou mais pessoas debaixo da terra do que qualquer um pode realmente contar; o número de corpos em decomposição no Estado de Washington por causa deste bastardo inglês é inumerável. Até mesmo eu fiquei um pouco assustado quando Zeth me disse quem era o dono da casa a primeira vez que passamos por lá.

Em um poste alto acima dos trilhos da cerca, uma câmera gira ao redor fazendo o levantamento das duas motos e do Sedan preto desinteressante que acabaram de parar do lado de fora. Jamie dá à

câmera um aceno e eu sinto vontade de bater minha cabeça contra o volante.

Eu *não* saio do carro.

Jaime desce de sua moto, assim como Cade, e os dois homens vêm em minha direção, as mãos em seus bolsos. Será que eles trouxeram armas com eles? Eles são estúpidos se trouxeram. Eu abaixo minha janela, pronto para agarrar o meu primo pelo pescoço e arrastá-lo daqui comigo, a fim de bater na sua bunda, se necessário.

— *Você enlouqueceu, porra?* — eu assobio. — *Você tem alguma ideia de quem vive aqui?*

Jamie faz beicinho, olhando para o portão, as mãos ainda nos bolsos. Ele não parece preocupado com a minha pergunta. — Quantos físicos leva para trocar uma lâmpada? — ele pergunta.

— Não faça isso, Jay. Volte para sua moto e vá para bem longe daqui. *Agora.*

— Eu não vou a lugar nenhum, — ele me diz, balançando a cabeça. — Esse cara é uma fodida sombra, Michael. Ele sabe exatamente o que está acontecendo nos sindicatos. E eu não estou falando apenas desse Estado. Eu estou falando a nível nacional. Se alguém sabe alguma coisa sobre mulheres sendo sequestradas e desaparecendo sem deixar vestígios, é ele. E *você*, — diz ele, se curvando para olhar pela janela do carro e então nós estamos cara a cara, — *Você trabalha para o cara.*

Então é isso. Seu hacker não é tão ruim, afinal de contas. Ele sabe que eu estou conectado com Zee, e ele sabe que Zeth está conectado com Charlie. — Eu não trabalho para Holsan. Eu trabalho para Zeth. Eu não conheço Charlie, e eu tenho certeza pra caralho que também não quero. E você também não deveria.

Os olhos de Jamie, tão frios e azuis como gelo, me encaram. — Eu não tenho o luxo de fazer o que eu *quero* fazer estes dias, Michael. Eu só faço o que *tenho* que fazer. Temos de encontrar Laura. Nós varremos o Alabama de um lado a outro, de ponta a ponta. Ninguém sabe nada. Se algum maluco local a raptou e jogou ela no porão de sua casa, alguém teria falado. Alguém *teria* que saber. Nós fomos atrás de cada filho da puta suspeito do qual tivemos informação, simplesmente para confirmar que eles não a tinham. Outras cinco mulheres desapareceram

naquela semana. Cinco mulheres, todas dentro de um raio de cem milhas. Isso ou é uma semana muito ruim no interior do Alabama, ou é um padrão. Seu cara lá de dentro poderia saber algo sobre isso, e por isso estamos aqui. E você precisa para nos colocar lá dentro.

— Eu não posso fazer isso. Eu posso apenas fazer uma ligação. É isso.

Jamie dá de ombros, batendo as mãos contra as coxas. — Feito. Obrigado.

Eu não posso acreditar que estou prestes a fazer isso. Zeth vai me matar se ele soube aonde eu estou agora. Toda esta situação é um pesadelo de proporções épicas, e eu não posso sair disso sem decepcionar meu primo ou irritar meu chefe. Porra. Eu puxo o meu telefone celular do bolso do moletom, minha mente correndo enquanto tento descobrir o melhor plano de ataque aqui. Que diabos eu posso dizer para Zee para minimizar os danos? Jesus, ele vai me castrar.

Eu disco o número – não armazenei no meu telefone, por razões óbvias – e seguro a respiração enquanto toca e toca e toca. Nenhuma resposta. Não consigo decidir se isso é algo bom ou ruim. Jamie, por outro lado, decidiu claramente que isto é muito inconveniente. As linhas no meio da sua testa estão se aprofundando a cada segundo.

— Eu vou trazer um soldador aqui e arrancar estas fodidas portas das dobradiças de uma vez, cara, — diz ele.

— Se você está pensando em morrer hoje, esse é um plano muito inteligente. Vá em frente.

Cade passa as mãos pelos cabelos, visivelmente preocupado. Ele começa a andar na frente do carro, agitado, e ficando mais e mais irritado a cada segundo. — Deus, — ele sussurra. — Essa porra é inútil. Já se passaram três semanas. Não tem como ela estar viva, Jay. De maneira nenhuma.

Jamie se afasta do carro e agarra Cade pelos ombros; ele o olha nos olhos, tão focado e determinado. — Ela *não* está morta, está bem? Nós não vamos parar de procurar até encontrarmos ela. Vai ficar tudo bem. Sua irmã é mais resistente do que qualquer um dá crédito. Ela vai sobreviver a isso. Nós vamos vasculhar cada centímetro do mundo até descobrirmos onde ela está e trazê-la para casa.

Cade não parece se acalmar muito. Ainda assim, ele balança a cabeça e parece sossegar um pouco. — Sim. Cara, eu espero que você esteja certo. Eu sinto muito. Eu só não consigo parar de pensar sobre o que pode estar acontecendo com ela, sabe?

Deus, coitado. Nem vale a pena pensar nisso. Vinte e quatro horas é muito tempo para estar à mercê dos sequestradores. Três semanas? Três semanas é uma fodida eternidade. É um pensamento de merda, mas talvez Laura esteja melhor se estiver morta. Eu sei que Cade deve ter percebido isso. Jamie também. Eu posso ver isso em seus olhos quando ele se vira para mim. — Precisamos dar um jeito nisso logo. Alguma ideia?

— Nós temos um detetive particular. Ele é um pedaço de merda nojento, mas ele tem uma maneira de comprar informações que outras pessoas não podem. Nós poderíamos ir visitá-lo. É mais esperto do que andar por aqui. Eu posso te dizer agora, Charlie Holsan não vai te ajudar. Mesmo se pudesse, mesmo se ele tiver esse tipo de informação, ele não vai ajudar. Ele não faz nada de graça. Ele precisaria te dever um grande favor até mesmo para falar com você.

— E nós vamos encontrar esse seu cara a essa hora?

— Não posso garantir isso. Mas ele dorme no seu escritório. É lá que ele vai estar.

Jamie me encara enquanto pensa sobre isso. — Bem. Vou trabalhar na parte de fazer Charlie Holsan me dever um grande favor. Vamos retomar essa ideia se o seu detetive particular não funcionar. Certo?

— Vamos sair daqui, ok?

Jamie grunhe. Ele dá um tapa no ombro de Cade e, em seguida, os dois estão subindo de volta em suas motos e acelerando seus motores. Charlie nunca viu o meu carro antes. Na maioria das vezes Zeth vem até aqui em seu Camaro, mas na ocasião ímpar em que ele quis que eu o trouxesse, ele fez com que eu parasse a quarteirões de distância. Charlie já deve ter escaneado as minhas placas agora. Você não pode parar na frente da casa dele e ficar por lá dez minutos sem chamar a atenção para si. Isso significa que este carro é carta fora do baralho agora. Vou ter que me livrar dele. Mas antes ele vai me levar para o escritório de Eli, do outro lado da cidade.

Tenho cuidado para não acelerar enquanto me afasto da casa de Charlie. Nos leva trinta minutos para chegar no escritório de Eli Harris. A pequena sala que ele aluga fica em cima de um restaurante chinês muito questionável, e o lugar sempre fede a comida estragada. Hoje não é diferente. Eli quase caga nas calças quando Jamie e Cade entram sem bater. Eu os sigo e fecho a porta, trancando-a atrás de mim. Nunca se sabe o rumo que as coisas vão tomar.

Eli – com o seu problema de obesidade mórbida e, geralmente, de suor excessivo – tenta se levantar de trás da mesa, uma máscara de indignação em seu rosto, mas seu estômago fica preso contra a borda da mesa e ele cai pesadamente em sua cadeira, bufando. — Michael? Michael, você sabe o que fazer. Você tem que ligar antes de vir aqui. Eu poderia ter estado com um cliente. Você gostaria de um grupo de rapazes se intrometendo aqui se você estivesse tendo uma reunião privada comigo?

— As únicas pessoas tendo reuniões privadas aqui com você, Eli, são as prostitutas que você aluga por hora. Se acalme, — eu digo a ele. — Eu te trouxe clientes pagantes. Mostre um pouco de gratidão.

— Eu tenho muitas pessoas em meus livros, — diz Eli. Ele fica aborrecido quando eu implico que o seu negócio é menos do que uma empresa legítima e respeitável. Na verdade, é provável que ele tenha um monte de clientes. Eles estão todos no lado errado da lei, no entanto, ou então são mães solteiras lhe pagando uma ninharia para rastrear os pais dos bebês que se mandaram sem pagar pensão. — Vocês precisam marcar, ok?

O som de um gemido suave emana de seu computador, seguido pelo som de pele contra pele, e Eli começa a ficar de um tom muito escuro de roxo. — *Oh, sim, papai. É isso aí. Me fode, papai. Fode a minha buceta,* — uma voz feminina diz, muito mais alta que os gemidos. Sim. Nenhuma dúvida sobre isso. Nós pegamos o bastardo gordo vendo pornografia.

— Jesus, cara. Não são nem mesmo nove horas da manhã ainda e você já está se masturbando? O que há de errado com você? — Jamie pergunta, sorrindo. Seu humor é afiado com uma hostilidade que me surpreende. Jamie sempre teve um temperamento quente, mas há algo diferente nele agora. Uma mudança. Ele não é o mesmo homem que era a última vez que o vi. Talvez estar no Afeganistão o tenha endurecido para o mundo exterior. Talvez ser o filho de Louis James Aubertin II

finalmente chegou até ele. De qualquer maneira, Eli percebe a malícia fria em sua voz e se encolhe para trás em sua cadeira, lutando para fechar a janela do site que estava assistindo em seu computador.

— Não é cedo para mim, idiota. É tarde, — diz ele. — Eu tenho trabalhado toda a noite. E o que isso importa para você, afinal? Não é da sua maldita conta se eu quiser me masturbar.

— É sim, caso você tenha o seu pequeno pinto gordo para fora debaixo dessa mesa e você esteja prestes a se levantar, — diz Jay. — Ninguém quer ver essa merda.

Cade ri, e eu tenho que morder a língua. Eu sou incrivelmente bom nisso. Eu sou bom em ser inexpressivo em quase todas as situações em que me encontro. É melhor quando o outro cara não sabe o que você está pensando. Nesse momento eu estou pensando que Jamie não está exatamente inspirando muita simpatia em Eli, mas porra. O cara é a pior escória da Terra. Ele quase não merece o respeito de Jamie.

— Você gosta de foder meninas? — Jay continua.

A cabeça de Eli quase estala para fora de seus ombros. — Não! Que porra é essa? Que tipo de pergunta é essa?

— Eu só estou me perguntando. Você está assistindo pornô com uma garota pedindo ao seu pai para foder ela. Nunca entendi isso. Eu não quero sentir como se eu estivesse transando com a minha própria filha. Parece coisa de doente para mim. Você é doente da cabeça, Eli?

O queixo duplo de Eli oscila quando ele bate a mão gorda em sua mesa, enviando uma caixa de comida ao chão, junto com uma pilha de papéis, todos presos juntos e marcados com anéis de café. — Michael, eu pensei que você fosse um cara inteligente. Nós sempre tivemos uma relação profissional sólida. E agora você está trazendo bandidos para meu local de trabalho? Bandidos que me insultam? Vocês três precisam dar o fora daqui.

Cade tem estado notavelmente em silêncio desde que passamos pela da porta, mas agora ele avança e se inclina na mesa de Eli, sua expressão furiosa. — *Feche. Sua. Boca. Ridícula. E. Ouça.*

O homem na frente dele parece estar prestes a ter um ataque. Suas bochechas começam a tremer quando ele vibra com raiva. — Micha-

Cade se move sem aviso, se lançando para Eli e agarrando-o pelo colarinho de sua camisa ligeiramente amarelada. Ele bate a cabeça de Eli em cheio na mesa, de modo que seu rosto está pressionando contra uma caneta com a tampa mastigada e um prato de papel que ainda tem meia fatia de pizza coberta de molho. Jamie pigarreia. Ele está alertando Cade para não ir muito longe ou ele está tentando não rir, eu não consigo dizer com certeza.

— Melhor ouvir quando ele te diz para fazer alguma coisa, — diz ele. — Ele anda com o pavio curto.

— *Eu não posso... nem mesmo... respirar... porra!*

Jamie faz uma careta, olhando de soslaio para mim. — Isso é muito lamentável. Quanto tempo você acha que um cara como ele pode sobreviver sem uma golfada de ar adequada, Michael?

— Não muito. Trinta segundos. Quarenta talvez? Com um corpo desse tamanho, o oxigênio não vai muito longe.

— Vá se foder! — Eli sibila.

Cade pega um punhado de seu cabelo e ergue sua cabeça para cima, só para batê-la de volta na mesa. — Isso não é muito educado, — ele rosna. — Eu tenho outra ideia. Que tal você ficar quieto por um momento e nós te dizemos por que estamos aqui. Depois disso, você pode nos dizer o que queremos saber e nós vamos embora. E você pode voltar a masturbar essa sua desculpa patética de pau e esquecer que estivemos aqui. O que você acha?

— Meu pinto... não é...

Cade levanta a cabeça dele para cima e esmaga para baixo novamente. — *O. Que. Você. Acha?*

As mãos de Eli se embaralham na mesa, derrubando mais papéis e copos de papel, derramando café há muito esquecido em todos os lugares e enviando uma nuvem de esporos de mofo ondulando no ar. — Ok. Ok. Jesus Cristo!

— Ótimo. Agora. Olhe para essa mulher, — Jamie diz, tirando uma fotografia do bolso. — Esta mulher foi sequestrada há três semanas. Temos procurado de cima abaixo por ela e não encontramos nada. Você vai nos dizer quem gere o maior tráfico de pessoas nos Estados Unidos. Você vai nos dar nomes e locais, e você vai fazer isso rapidamente, antes que o meu amigo aqui perca toda a paciência e decida acabar com você.

Jamie diz isso friamente, calmamente, com uma voz plana, monótona que não soa como a sua. Em todos os anos que o conheço, eu nunca o vi agir assim, nunca o ouvi falar assim. Não importa que tipo de merda seu pai o fez passar, ele sempre conseguiu manter um ar de despreocupação, mas agora isso parece estar muito longe. Em seu lugar está uma fria atitude que não deixa qualquer espaço para um segundo pensamento. Ele *vai* cumprir com a sua palavra, se Eli não obedecer. Ele ou Cade vai matar o homem, e posso dizer que nem um deles vai perder o sono por isso.

Eu tentei esconder esse lado meu da minha família. Dele, especificamente. Ele sempre pareceu tão intrinsecamente bom, mas agora ele é tudo menos isso. Jamie tem sido capaz disso, de ser imprudente e frio, todo o tempo em que eu estive cuidando de problemas para pessoas como Charlie Holsan, e agora aqui está ele, ameaçando matar alguém bem na minha frente e ele não está sequer pestanejando.

Bom para ele.

Ruim para mim, já que ele quase fodeu as coisas para mim com Sara, e Deus sabe o que os capangas idiotas de Charlie viram enquanto estávamos parados do lado de fora da casa dele, mas ok. Bom para ele.

— Eu não... porra, eu não a reconheço, ok? — grita Eli. — Os únicos caras grandes que eu conheço que traficam mulheres nos Estados Unidos são Julio Perez e uns caras de Chicago.

— Nós já visitamos os caras de Chicago, — rosna Cade. — O cabeça do grupo perdeu três dedos antes que ele cedesse e nos mostrasse os seus livros. Ela não estava lá. Nós dissemos a Perez que queríamos comprar uma menina para que ele nos deixasse olhar nos seus estábulos, e ela não estava lá também. É melhor você dizer novos nomes, seu filho da puta, caso contrário eu vou pegar o meu cortador de charutos.

— Eu posso te dar tantos nomes quanto... quanto você quiser, — Eli rosna. — Isso não significa que qualquer um deles vai ter esta menina. Se ela se foi há três semanas, ela... se foi. Ninguém será capaz de encontrá-la agora.

Esta é, obviamente, a última coisa que Cade queria ouvir. Mesmo quando éramos mais jovens, Cade sempre foi grande e forte. Agora ele é construído como um tanque do caralho. Eu estremeço quando ele soca Eli nas costelas, forte o suficiente para que o cara gordo preso à mesa perca o conteúdo de seus pulmões, ficando cada vez mais vermelho.

— Porra!

— Preciso dizer mais uma vez?

— Não, não, não. *Merda*. Se você quer os comerciantes de pele, há o grupo de Mendez em Phoenix. Há Proctor e seus meninos ao longo do Texas. E... e... você poderia tentar Richter em Oregon. Ele normalmente lida com drogas e armas, mas seu negócio está se expandindo recentemente. Parece... que eles estão ganhando muito dinheiro. Eles podem estar com os dedos metidos nisso também.

Cade e Jamie trocam olhares. Nenhum deles parece particularmente impressionado. — Por que qualquer desses caras iria para o Alabama raptar mulheres? — Jamie pergunta.

Eli solta um grunhido estrangulado. — Alabama? Ninguém iria se incomodar em ir até lá. Se esta mulher foi pega no Alabama, então é mais provável que ela tenha sido levada para o outro lado da fronteira.

Cruzando os braços sobre o peito, Jamie franze a testa para Cade. — O que você quer dizer com “outro lado da fronteira”? Você quer dizer para o México?

— Não México. *Colômbia*. Há uma cadela louca por lá. Uma mulher, chefe de um cartel. Ela arranca as peles das pessoas para se divertir. Ela não é boa da cabeça. Ouvi dizer que ela às vezes envia equipes para os Estado mais ao sul para raptar pessoas. Geralmente são políticos ricos, mas os caras pegam mulheres também se eles acham que elas são bonitas o suficiente. Se eles pensam que vão ter um retorno decente com elas.

A expressão “*políticos ricos*” quase ecoa pela sala. O pai de Jamie é definitivamente um político rico. Um dos políticos mais ricos, mais

poderosos da América, na verdade. Se esta mulher, seja ela quem for, enviou um bando de caras para tentar sequestrar Louis e conseguir um resgate, só para ter seus planos frustrados pelo grande número de pessoas na propriedade naquela noite, eles poderiam muito bem ter levado uma mulher loira no lugar para temperar a dor de perder seu alvo original.

— Colômbia, — Cade disse, soltando Eli. Ele dá um passo para trás, os ombros caídos. — Como diabos vamos encontrá-la, se ela foi levada para a Colômbia? Ela poderia ter sido vendida e ido para qualquer lugar do mundo a partir de lá.

— Maria Rosa é uma mulher paciente, — diz Eli. — Muito fodida da cabeça, mas paciente. Ela não vende as suas garotas. Ela as mantém, cuida delas. Ela não tem interesse de colocá-las a venda no mercado até que saiba o seu real valor.

— Você parece saber muito sobre ela, — diz Jamie.

Eli se afasta da mesa, o peito arfando, raiva enchendo seus olhos quando ele olha para nós três. — Eu tive a infelicidade de cruzar com ela em Vegas. Ela fica no MGM Grand mais frequentemente do que não quando está no país. Fui contratado para seguir um cara por um dos MC's em Los Angeles. O cara se encontrou com Maria Rosa e acabou perdendo a pele de suas costas. Posso dizer que eu não fiquei tempo suficiente para descobrir o porquê.

Jamie olha para mim, como se querendo algum tipo de confirmação de que talvez Eli esteja dizendo a verdade. Nunca houve uma ocasião em que Eli mentiu para mim. Duvido que ele iria mentir para Jamie e Cade, especialmente depois de ter sido alvo do temperamento de Cade. O risco de apanhar seria desestímulo suficiente. Dou a Jamie o assentimento – sim, é provavelmente verdade – e então ele e Cade recuam, o ataque cancelado.

Eles saem do escritório sem nem mesmo poupar um olhar para o cara atordoado que eles estão deixando para trás. Eli me lança um olhar de desgosto. — Não espere fazer negócios comigo de novo, Michael. Eu não quero te ver por aqui novamente. Eu não me importo com quem envia você.

Eu lentamente vou até sua mesa, tirando minhas luvas de couro do meu bolso e deslizando minhas mãos dentro delas lentamente, primeiro a esquerda e, em seguida, a direita. — Eu não consigo pensar

em como, mas você parece estar um pouco confuso sobre quem é mais alto na cadeia alimentar aqui, Eli. Me deixe refrescar sua memória. — eu bato meu punho em seu rosto, fazendo-o cambalear para trás em sua cadeira. A coisa guincha, gemendo sob o peso dele. — Você é peixe pequeno, Eli, — digo a ele. — E eu sou o tubarão branco. Vou voltar como e quando eu quiser, e é melhor você estar sorrindo quando acontecer. Caso contrário, eu poderia decidir ficar um tempo. Melhor para você se eu estiver dentro e fora daqui o mais rápido possível no futuro.

Eli aperta as duas mãos sobre o nariz, soltando um rosnado de dor, sangrando profusamente em sua camisa. — Jesus, cara, ok! Eu sinto muito! Por favor, saia.

— Seria um prazer.

Capítulo Quatro

Jamie e Cade não ficam por aqui. Eles já estão fazendo planos para irem para a Colômbia no momento em que estão ligando suas motos novamente. Jamie aperta minha mão, preocupação rastejando em seu rosto. Falamos em voz baixa, enquanto Cade faz um telefonema para deixar seu amigo hacker saber o que está acontecendo.

— Você acha que vai encontrar ela lá? — pergunto.

— Eu não faço ideia. Espero que sim. Nenhum de nós vai voltar a viver até colocar os olhos sobre ela outra vez, — ele me dá um olhar firme, olhos azuis frios presos nos meus. — Você deve ser cuidadoso com o trabalho aqui, Michael. Você sabe disso, certo?

— Eu sou sempre cuidadoso.

— Certo — ele balança a cabeça, estreitando os olhos ligeiramente. — Eu não sei nada sobre esse cara que você está trabalhando. Qual é o seu negócio? Eu estou supondo que ele é o tipo de problema que você deve evitar a todo o custo.

— Talvez. Ele não é alguém para foder. Mas ele também tem moral. Ele pensa antes de agir, ao contrário do cara para quem ele trabalha. Eu disse isso antes e vou dizer de novo: Charlie Holsan não vai ser de qualquer ajuda para você. Eu não posso dizer a Zeth que eu fui lá hoje ou ele vai arrancar meus dentes da frente.

Jamie parece pouco impressionado. — Se você tiver algum problema com esse cara, Zeth, só me ligar, ok?

— O que ele não conhece não pode machucá-lo, certo?

Cade desliga o telefone e o desliza de volta no bolso, se juntando a nós. — Está feito. As passagens estão compradas. Nós partimos amanhã de manhã. Mas temos que levar nossos rabos até o aeroporto de Los Angeles até o sol se pôr.

— É melhor nos mexermos, então, — diz Jamie. Ele joga seus braços em volta de mim e me puxa para um abraço que quase tira o ar dos meus pulmões completamente.

— Seja cuidadoso. Se cuide, — digo a ele. — Eu não estou inteiramente certo se você sabe no que está se metendo. Você tem que estar bem limpo ou ser um filho da puta rebelde para se misturar com esses caras, e eu estou esperando que você esteja apenas se sentindo muito rebelde agora.

Jamie sorri, rindo baixinho. — Se é isso que eu tenho que me tornar, então que assim seja. Embora eu prefira ser um rebelde do que um bastardo louco em qualquer dia da semana.

* * *

O cheiro de gasolina é algo que eu associo com tantas memórias. Passei um verão como frentista de posto no Alabama quando era adolescente. Esse foi o verão em que perdi minha virgindade com Janice White na parte traseira do Ford do seu pai. E então, oito anos mais tarde, eu arrumei um emprego trabalhando como motorista de um sindicato ao sul de Boston, e fiquei encharcado de gasolina da cabeça aos pés durante um assalto a banco que foi mal. Eu atirei em meu atacante bem no coração e, como eles dizem, foi isso, mas eu tive bolhas químicas nos braços por semanas.

Como resultado, na minha cabeça, sempre que eu sinto o cheiro da gasolina nos dias de hoje, ou estou recebendo um boquete ou estou prestes a estar em chamas.

Não hoje, porém. Minha cabeça está completamente vazia quando eu acendo um fósforo e jogo no carro que estive dirigindo nas últimas três semanas. Eu nunca mantenho um carro muito tempo — normalmente três ou quatro meses, no máximo — mas este veículo em particular perdeu sua utilidade um pouco mais cedo. Os caras de Charlie vão estar atrás de um carro com essa mesma placa, o que significa que ele vai me encontrar, e eu não quero isso.

Eu lamento um pouco quando vejo o Chrysler ser consumido pelas chamas, comido pela fumaça e pelos dentes famintos do fogo. Era um carro muito bom. Que desperdício. À distância, o sol está se pondo

sobre a cidade abaixo de mim, e nas minhas costas o mundo está ficando mais escuro a cada segundo. Isso vai me levar umas boas duas horas de caminhada pela área florestal isolada onde eu decidi abandonar o carro até os arredores da cidade. No entanto, melhor uma caminhada longa do que a polícia encontrar o veículo em chamas muito cedo e apagar o incêndio. Talvez até mesmo conseguir uma ou duas impressões digitais no interior. Isso seria uma situação terrível, de fato. Além disso, não há ninguém aqui para ver o ato. Ninguém aqui para ver a fumaça. Ninguém aqui para chamar os serviços de emergência e estragar meus planos meticulosamente definidos.

Eu assisto por um tempo, me certificando de que o fogo esteja bem alto, com fome e capaz de destruir tudo em seu caminho, e então eu viro as costas para ele e começo a andar. Se eu chamasse Zeth, ele viria me pegar, mas ele também iria querer saber por que eu estava nesse quinto dos infernos, explodindo um carro perfeitamente bom. Eu me sinto mal por enganá-lo, mas não posso evitar. E, de qualquer maneira, uma longa caminhada é apenas o que eu preciso para limpar a minha cabeça. Eu estou a 25 km de distância do apartamento de Zeth na cidade, ainda fazendo meu caminho pelas estreitas estradas da montanha, quando recebo uma mensagem do próprio homem.

Estou levando Lacey para o Armazém. Tenho um trabalho a fazer. Você pode ficar com ela? Ela enlouquece sozinha.

Perfeito. Isso adiciona mais 10 km à minha viagem. Mas isso não importa muito quando eu chegar nos arredores da cidade, no entanto. Eu posso “pegar emprestado” um carro e estar lá por volta das nove, o mais tardar. Eu mando a Zee uma mensagem sobre a hora estimada de chegada, e então continuo andando. Eu recebo outra mensagem, dessa vez de Sara, perguntando por que eu saí de lá tão cedo esta manhã, mas eu não respondo.

Eu não tenho tempo. Eu nunca vejo carros aqui em cima, nunca – precisamente por isso que eu escolhi o local – e ainda assim o ronco baixo de um motor se aproxima por trás de mim. Seria fácil o suficiente escorregar para dentro das sombras e me tornar invisível, e sem dúvida é exatamente o que eu deveria fazer, mas então eu mudo de ideia. Eu já não estou vestido com os moletons velhos de Cameron, estou de volta ao meu terno e paletó, e estou parecendo como um ser humano respeitável novamente. Nenhuma razão para que alguém não fosse parar ao lado da estrada e me dar carona no escuro. Tirando o fato de que eu sou meio preto, é claro.

Que seja.

Quando o carro faz a curva, passando pela estrada que deixei pra trás, eu paro aonde eu tenho a certeza de poder ser visto e levanto o meu polegar. É melhor o fodido não me acertar. Quem está dirigindo não está indo muito rápido, mas ele não parece estar abrandando também. Eu acho que ele vai passar direto por mim, mas no último segundo o carro derrapa e para completamente um par de metros à frente. O carro dá ré, e então eu posso ver um movimento lá dentro, os painéis antigos de madeira, e um cara de quase sessenta anos está se inclinando para baixar manualmente a janela do outro lado do carro. Ele empurra os óculos no nariz enquanto aperta os olhos para mim na escuridão.

— Quase não vi você aí, amigo. O que diabos você está fazendo aqui, encalhado nas selvas? — ele tem uma aparência saudável, limpa, o que me faz pensar que ele poderia ser algum tipo de vendedor. Mas talvez não. Há um livro de capa de couro com fecho de zíper no assento ao lado dele – o tipo que você reconheceria em qualquer lugar se você cresceu em um Estado como o Alabama, rodeado por cristãos que carregam suas bíblias por aí aonde quer que eles vão. Ele não é um vendedor. Ele é apenas um cristão.

— Meu carro quebrou lá atrás, — eu aceno meu celular para ele, esperando que a maldita coisa não se acenda no momento errado. — E, claro, a minha bateria decidiu morrer, e essa foi a minha noite em ruínas. Era para eu encontrar a minha namorada para jantar — eu dou a ele um sorriso triste e frustrado e apenas o suficiente cansado para fazer a minha história crível. Ele me dá um olhar de *aww que droga* e franze a testa para mim um pouco mais.

— Isso é uma droga. Onde você precisa estar?

— Em qualquer lugar na cidade está bem pra mim. Eu posso pegar um táxi, se me encontrar novamente na civilização.

— Bem, eu vou trabalhar no St. Peter's of Mercy. Posso deixá-lo lá se você quiser?

— Isso seria incrível. Obrigado.

O cara abre a porta para mim, e eu entro. Segurando a mão para me cumprimentar, ele diz, — Meu nome é Al. Prazer em conhecê-lo.

— Igualmente. Você mora aqui, Al?

Ele balança a cabeça, colocando o carro em marcha e se afastando. — Não, não. Sol demais para mim. A minha filha ama a paz e tranquilidade, apesar de tudo. Eu estava dando uma olhada na calha do telhado dela. Ela acabou de comprar uma casa nova aqui em cima. É ótimo, mas como eu disse... muito longe da cidade para mim.

Ele passa os próximos quarenta minutos me contando sobre suas filhas – a mais velha, que mora na montanha e está estudando para ser médica, o mesmo que ele, e sua mais nova, ainda na escola e pensando em se tornar psicóloga. A maneira como ele fala sobre suas filhas é quase cômica. Orgulhoso pra caralho. Meus pais sempre foram presentes enquanto eu estava crescendo, mas como era uma criança mestiça, sempre fui muito empurrado para ter sucesso, para ser bom, para ser o melhor, como se a minha cor fosse uma deficiência e eu tivesse que trabalhar duro para compensar. As filhas de Al parecem estar bem no seu caminho para a grandeza, mas soa como se o pai delas estaria cantando seus louvores não importa o que elas decidissem fazer com suas vidas.

Ele me deixa no hospital e me dá seu número de telefone, caso eu fique a pé de novo, e eu sou atingido por um ataque de remorso. Não é algo que eu experimente frequentemente. Eu tenho linchado pessoas. Eu já arranquei as unhas de pessoas. Eu fortemente encorajei homens a traírem seus empregadores e suas próprias famílias, por todo e qualquer meio necessário, e eu mal tive um segundo pensamento sobre isso. E então esse cara aparece, não sabendo nada de mim, *Adam*, e me dá uma carona sem pensar em compensação ou se mostrar todo desconfiado, e, bem... isso meio que coloca as coisas em perspectiva. Eu lido com a escória do mundo em uma base diária. É fácil esquecer que nem todo mundo lá fora é assim.

— Cuide-se, — ele me diz.

— Você, também, Al. Você não deveria acolher as pessoas pela estrada, sabe? Não é seguro — *oh, que ironia.*

Ele me dá um sorriso triste e balança a cabeça, levantando um grande saco de couro marrom do banco de trás de seu carro. — Eu sei. Mas isso é mais uma razão para eu parar para os bons, certo? — ele se dirige à entrada do hospital, assobiando algo brilhante e alegre. Pouco antes dele desaparecer dentro do hospital, Al para, se vira e me chama enquanto estou ali no estacionamento.

— Deus te abençoe, Michael. Foi maravilhoso conhecê-lo. Boa noite!

Eu decido que não vou furtar um carro essa noite.

Eu vou pegar um táxi dessa vez.

Capítulo Cinco

A pesada porta de aço deslizante do armazém de Zeth está acorrentada quando eu chego lá. Isso significa que Zeth está fora. Eu tenho uma chave do cadeado, é claro, então eu entro e imediatamente percebo que o lugar foi revirado.

Sua mesa de vidro está quebrada. Os livros que normalmente estão empilhados ordenadamente em um conjunto de três prateleiras do outro lado do espaço aberto estão espalhados por todo o chão, páginas arrancadas e desfiadas como maldito confete. Uma faca de caça seriamente afiada e muito serrilhada se sobressai da tela quebrada da televisão de Zeth – a televisão que ele acabou de comprar. Eu duvido que o cara sequer tenha ligado a TV, mas mesmo assim... ele vai ficar *puto*.

Eu puxo a minha arma do coldre embaixo do paletó e piso levemente no armazém, pequenos cacos de vidro esmagados sob os pés da mesa de café, minha mente correndo a mil por hora. Onde está a menina? Ela está bem? Depois de tudo o que aconteceu com Jamie e Cade hoje, eu estou imediatamente me perguntando se ela ainda vai estar aqui ou se ela foi sequestrada. Eu realmente não tive tempo para avaliar se Zeth ficaria irritado se Lacey não estivesse por perto, ainda não fui capaz de avaliar se ele vê que ter ela aqui é uma bênção ou uma maldição, mas eu sei de fato que ele ficaria furioso se alguém a *levasse*.

— Lacey? — eu chamo quando passo pela sala de estar para a cozinha, onde eu encontro todas as portas do armário abertas, uma delas pendurada por uma dobradiça, e panelas e frigideiras jogadas em todos os lugares pelo chão. — *Lacey!*

Nada.

Isso poderia ter algo a ver com hoje? Poderiam as câmeras de Charlie ter pego uma imagem clara de mim? Será que ele já sabe que eu trabalho para Zeth? Ele veio aqui para confrontar Zeth e decidiu sequestrar Lacey em vez disso? As janelas do Chrysler estavam com

insulfilm, e Zee sempre manteve suas cartas muito perto do peito, então é muito improvável. Ainda assim, *improvável não é impossível*.

Merda.

No corredor estreito que leva ao banheiro e aos quartos, eu posso ouvir o som de água corrente. As luzes estão acesas em todos os quartos, e todas as portas estão entreabertas. No entanto, a porta do banheiro está fechada.

— Lacey? — eu estou pronto para explodir os miolos de quem está à espreita por trás da porta do banheiro, pronto para chutar a maldita coisa até o chão se eu precisar, mas quando eu giro a maçaneta, ela abre facilmente e não há perigosos intrusos prontos para atacar do outro lado. Há apenas Lacey, enrolada em uma pequena bola sobre os azulejos ao lado da banheira transbordando, agarrando uma navalha brutalmente afiada de Zeth em sua mão.

De repente, eu me lembro do que Zeth disse em sua mensagem: *ela enlouquece sozinha...* Então ela destruiu o lugar sozinha. Com olhos enormes, redondos, a loura pequena recua, os nós dos dedos ficando brancos quando ela aproxima a lâmina do seu peito. Ela engole em seco, os olhos fixos na minha arma.

— Ei, Lace, — eu digo suavemente. — O que está acontecendo? — eu tiro meu dedo do gatilho e, lentamente, coloco a arma no coldre, tentando não fazer nenhum movimento brusco. Eu examino a cena à procura de sangue, mas não há nada. Apenas alguns centímetros de água no chão e uma encharcada mulher muito assustada, ofegante, lutando para respirar. Ela pula quando eu dou um passo na sua direção.

— Está tudo bem, Lace. Sério, está tudo bem. O que está acontecendo? — eu cuidadosamente vou na sua direção, levantando minhas mãos para que ela possa ver que eu não estou levando qualquer coisa que posso usar para machucá-la. Se qualquer coisa, eu sou o único que deveria estar preocupado agora, pelo olhar no seu rosto e a forma como ela está se agarrando à lâmina. Eu sou cauteloso quando me abaixo para sentar ao lado dela na água transbordante. Assim que eu estou ao seu lado, ela começa a chorar.

— Ele... ele me *machucou*, — ela soluça.

— Quem? Quem te machucou?

Ela apenas balança a cabeça, uma e outra vez, se recusando a dizer mais. Ela fecha os olhos e é quando eu faço um movimento, abrindo seus dedos para que eu possa tirar a navalha dela. A luta parece deixá-la. Ela cai para o lado, em cima mim, enterrando a cabeça no meu peito, e, em seguida, isso não parece ser suficiente. Ela está escalando em meu colo como uma garotinha petrificada e meu coração trava na minha garganta, porque eu sei, eu só *sei* que alguma coisa terrível aconteceu com ela e dói até pensar nisso.

— Shhh. Shhh, está tudo bem, garota. Está bem. Entendi. Shhh.

Lacey soluça; parece chorar para sempre. Ela treme contra mim, joelhos dobrados, os braços em seus lados, enquanto eu a balanço em meus braços. Não é algo intencional. Eu só percebi que eu estava fazendo isso quando meu celular desliza para fora do meu bolso e pousa na água ao meu lado.

— *Porra.*

Lacey para de chorar. — Sinto muito, — ela sussurra, sua voz baixa, com medo.

— Não se desculpe. Está bem. Venha, vamos sair daqui — eu a levanto em meus braços, e ela pesa nada. Ela não faz nenhum som quando eu a levo até o quarto ao lado, o quarto que eu normalmente durmo quando eu fico aqui, e a coloco na cama. Corro de volta para o banheiro e fecho as torneiras, pego meu telefone – que pifou – e vou buscar umas toalhas para Lacey se secar. Quando eu volto para o quarto, Lacey tirou todas as suas roupas e está de pé no meio do quarto, tendo uma semelhança impressionante com um rato afogado. Seu cabelo normalmente encaracolado está colado ao seu couro cabeludo e pescoço, e todo o seu corpo está tremendo. Ela se abraça, os braços em volta de seu corpo, os ombros na altura das suas orelhas, e eu sou arrebatado com uma fúria violenta e completa.

Quem poderia machucá-la assim?

Quem poderia danificá-la o suficiente para ela se tornar essa pessoa?

Ela é tão pequena e frágil, como um pequeno pássaro com asas quebradas, e eu quero encontrar a pessoa que quebrou essas asas e eu quero rasgar suas bolas e empurrá-las em sua maldita garganta.

— Eu estava molhada, — ela sussurra, lágrimas ainda escorrendo pelo seu rosto.

— Eu sei, querida. Eu sei, — estou preocupado sobre como ela vai levar isso, e ainda assim ela não se opõe quando eu embrulho uma enorme toalha em torno de seus ombros e começo a esfregá-la lentamente ao longo de sua pele. Não é nem mesmo remotamente um ato sexual. Ela parece se acalmar enquanto os segundos vão passando e eu cuidadosa e metodicamente a seco. Uma vez que acabo, deixando apenas as áreas que não me sinto confortável de secar, eu envolvo a toalha em torno dela, prendendo debaixo dos braços e então eu pego outra toalha e começo a secar delicadamente seu cabelo.

Estou quase surpreso quando ela fala. — Você não é como ele, — diz ela.

— Como quem?

Novamente, ela fecha a boca, os olhos arregalados, como se ela estivesse à beira de quebrar um segredo que ela jurou proteger. Eu não pergunto novamente. Ela não vai me dizer, eu sei que ela não vai, e empurrar só vai fazer com que ela entre em pânico novamente. Em vez disso, eu a guio de volta para a cama e a deito debaixo dos lençóis. Estou pensando em fazer o meu caminho até a área principal do armazém, para arrumar um pouco da carnificina que ela criou lá, mas ela a agarra a minha mão.

— Por favor. *Fique.*

Não é a melhor ideia deixar o lugar absolutamente destruído, especialmente desde que eu não posso mandar uma mensagem para Zee e deixá-lo saber o que aconteceu agora que o meu celular pifou, mas de jeito nenhum eu posso negar a essa pobre moça o que ela quer.

Ela está tão quebrada. Tão danificada. Tudo o que eu quero fazer é levá-la em meus braços e protegê-la do mundo que tão cruelmente fodeu com ela. Eu nunca me senti assim antes. Eu nunca quis proteger algo tão desesperadamente que tenha deixado meu corpo frustrado com energia. Frustrado, porque já é tarde demais. A dor já ocorreu. O dano já foi feito, e não há nada que eu possa fazer ou dizer que possa levar isso embora. Eu chuto meus sapatos e as roupas molhadas.

— Eu volto em um segundo, — eu digo a ela. E pela segunda vez hoje, eu me encontro vestindo roupas de outro homem. De Zeth, dessa

vez. Eu pego um moletom e uma camiseta, me permitindo um sorriso levemente entretido quando eu avisto a mochila preta no chão, no canto de seu quarto, e então eu volto para Lacey. Ela está empacotada na cama, com as mãos agarradas aos lençóis, os olhos arregalados e assustados, como se ela estivesse esperando alguém passar através da porta, em vez de mim. Quando ela vê que *sou eu*, alívio visivelmente passa sobre ela e suas mãos soltam os lençóis. Eu subo na cama ao seu lado, e ela se mexe sem hesitação, ordenadamente se dobrando debaixo do meu braço, se apertando contra o meu corpo, da mesma forma que Sara fez na noite passada. Isto é diferente, no entanto. Tão, tão diferente. Eu envolvo meus braços em torno de Lacey, segurando-a comigo, querendo que ela se sinta segura. Querendo que ela saiba que não importa o que aconteceu com ela antes, ela está bem agora e que não vou deixar nada acontecer com ela. Nunca, *nunca* mais.

Ela respira pesadamente por um tempo, e então ela diz algo que faz com que os cabelos na parte de trás do meu pescoço fiquem de pé. — Você pode... você pode me foder. Se você quiser. Se... se você for gentil.

Eu me afasto dela, me apoiando em um cotovelo para que eu possa olhar para ela. Ela não olha nos meus olhos, apesar de tudo. Ela abaixa a cabeça, o queixo praticamente pressionado contra o peito, o cabelo úmido caindo em seu rosto. Eu pego a mecha com o dedo, colocando-a atrás da sua orelha. — Não, Lacey. *De jeito nenhum*. Eu não quero isso — tenho a sensação de que esta é uma parte de sua história. Negociar e lidar com os homens com seu corpo. Recompensá-los, ou apaziguá-los. De qualquer maneira, é fodido e eu quase sinto vontade de vomitar só de pensar nisso. — Você não tem que fazer isso, — eu digo a ela. — Não comigo. E definitivamente não com Zeth. — Deus, seria terrível se ela tentasse. Lacey balança a cabeça uma vez, um pequeno movimento.

— Não, definitivamente não com ele, — ela sussurra. — Você... você não vai ficar louco se não fizermos?

Estou impressionado com a necessidade desesperada para bater em alguma coisa. Que tipo de homens esta pobre menina teve em sua vida até agora? Não posso nem sequer pensar nisso. Eu não *quero* pensar sobre isso, não posso, porque se eu fizer eu vou terminar o trabalho que ela começou e não haverá um móvel no armazém inteiro. — Eu não vou ficar louco, Lacey. Porra. Isso *nunca* vai

ser assim com a gente. Eu vou cuidar de você, ok? Eu prometo a você, eu nunca vou deixar te machucarem novamente. E nem Zeth.

— Você acha que ele vai me deixar ficar aqui? Com vocês?

Eu me deito, puxando-a para mim novamente. Ela balança em meus braços, e pela primeira vez na minha vida eu sei como é a sensação de me preocupar com algo mais do que eu mesmo. Só Deus sabe como isso aconteceu. Lacey não é *minha* irmã, não é *minha* responsabilidade, e ainda assim, há algo sobre ela. Murmuro em seu cabelo, segurando-a com força. — Ele vai deixar você ficar, Lace. Claro que vai. É só você dizer a palavra e vamos queimar o maldito mundo até o chão por você, menina doce. Você pode contar com isso.

Ela finalmente adormece, e eu fico lá, olhando para o teto, pensando. Na esperança de que Zee não fique louco quando ele chegar em casa para encontrar seu lugar destruído e eu na cama com sua maldita irmã. Estranhamente, porém, quando eu adormeço, estou pensando em Al e em uma das últimas coisas que ele me disse antes de seguirmos caminhos opostos. “Eu sei. Mas isso é mais uma razão para eu parar para os bons, certo?”

Os *bons*. Eles existem, ao que parece. Quando o sono toma conta de mim, me arrastando para as profundezas escuras da inconsciência, eu queria saber o que eu tinha que fazer para me tornar uma dessas pessoas.

Se seria mesmo possível.

Fim